

SOBRE A VARIAÇÃO DOS POSSESSIVOS *TEU/SEU* NOS SÉCULOS XIX E XX: ANÁLISE EM CARTAS PESSOAIS

ON VARIATION OF POSSESSIVES *TEU/SEU* IN 19TH AND 20TH CENTURIES:
PERSONAL LETTERS ANALYSIS

Dinah Callou | [Lattes](#) | dcallou@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Márcia Cristina de Brito Rumeu | [Lattes](#) | marcia.rumeu@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Neste estudo, apresentamos um panorama da alternância *teu/seu*, com foco no uso do *seu* de 2SG e seus condicionamentos. Embasamos a análise em amostras de cartas pessoais de dois representantes brasileiros (um carioca e um mineiro), de escrita culta, entre fins do século XIX e o início do século XX, considerando as edições propostas por Ferreira Filho (2023) e Luz (2015). Conduzimos o estudo pelos princípios da Sociolinguística Histórica, em relação aos parâmetros de seleção de amostras históricas, e da teoria da mudança – sociolinguística variacionista. Em termos gerais, a produtividade de *teu* é maior, sendo os dados de *seu* motivados pelo contexto linguístico de sujeito de 2ª pessoa (formas tratamentais) e pelo contexto extralinguístico dos subgêneros das cartas pessoais (cartas de amizade e familiares). Ainda que tenhamos em cena um recorte muito específico da escrita culta oitocentista e novecentista, já é possível entrever não só a covariação *teu/seu*, mas também evidências do *seu* de 2SG em sincronias passadas do PB, como discutido por Lucena (2016) para as cartas cariocas à luz da análise de Oliveira e Silva (1982).

Palavras-chave: Possessivos de 2SG. Recorte temporal. Cartas pessoais. Variação e mudança.

Abstract: In this study, we present an overview of the variation of possessive pronouns *teu/seu* (*your*), focusing on the use of 2nd person *seu* and its conditioning factors. The analysis is based on samples of personal letters from two Brazilian representatives (one

from Rio and one from Minas Gerais), of educated (standard) writing, between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, considering the editions proposed by Ferreira Filho (2023) and Luz (2015). We conducted the study according to the principles of Historical Sociolinguistics, in relation to the parameters for historical samples selection, and the theory of language change – variationist sociolinguistics. In general terms, the productivity of *teu* is greater, and the use of *seu* in our data being motivated by the linguistic context of the 2nd person subject (address forms) and by the extralinguistic context of subgenres of personal letters (friendship and family letters). Even though we have on the scene a very specific time frame of 19th and 20th century educated writing, it is now possible to glimpse not only the covariation of *teu/seu* but also evidences of second person *seu* in past synchronies of BP, as discussed by Lucena (2016) for the carioca letters, following Oliveira e Silva (1982).

Keywords: 2nd-person possessives. Time frame. Personal letters. Variation and change.

Considerações iniciais

Para traçar o percurso histórico de aspectos linguísticos específicos, é preciso analisar todos os dados a que tivemos acesso, mesmo que de forma indireta, a fim de poder identificar a variação e mudança ocorridas numa língua determinada, em séculos anteriores, através de textos representativos de cada época, e, também, de manuais de gramática, que procuram retratar a norma-padrão subjetiva.

É fato que houve sempre duas tendências na elaboração de gramáticas, (i) uma reflexiva/descritiva, como, por exemplo, em relação à língua portuguesa, a de Fernão de Oliveira, de 1536, a de Argote, de 1725, e (ii) outra, de caráter mais pedagógico, como a de João de Barros (1540) e a de Lobato (1770), que deixam transparecer a experiência prévia no ensino de latim. Em busca de elementos que contribuíssem para esse conhecimento prévio, nos deparamos com uma gramática de João de Barros, de 1538, uma gramática do latim (*Grammatices rudimenta*), que apresenta, pela primeira vez – pelo menos, até onde vai o nosso conhecimento – uma representação arbórea da constituição de uma gramática, exposta na iluminura, a seguir, cf. imagem 1.

Imagem 1: Página de rosto da *Grammatices rudimenta* de João de Barros (1538)



Fonte: <https://fontesdoportugues.bnportugal.gov.pt/index.php/gramatica-norma-e-ensino?view=tag&id=20:gramatica-norma-e-ensino>

Ao inserir a iluminura nosso objetivo foi situar o foco de análise. A organização em forma de uma árvore, construída a partir de categorias morfológicas – *castas*, como os gramáticos antigos denominavam – e não da organização sintática, como a representação gerativa atual, tem por finalidade registrar as várias categorias, classes de palavras, por vários níveis, (‘galhos’), a partir de *Littera* (Letra), *Syllaba* (Sílabas), *Dictio* (Dicção), *Coniunctio* (Conjunção), *Interiectio* (Interjeição), *Purpositio* (Preposição) até chegar ao nível mais alto, da esquerda para a direita, *Adverbiū* (Advérbio), *Verbum* (Verbo), *inintelligível*,¹ *Nomen* (nome), *Pronomen* (Pronome), disposto pouco abaixo. Essa organização evidencia a posição que ocupa o pronome e confirma a intuição daqueles que nos precederam. Sem dúvida, gramáticos e linguistas de hoje não partiram do zero, ao apresentar

¹ Conjectura: é possível que se tenha feito menção à “frase” ou ao “enunciado”.

suas hipóteses teóricas e configurações.

Essas observações prévias localizam, pois, dentro dessa concepção de gramática, nosso objeto de estudo. Neste texto, vamos nos debruçar sobre um tipo de pronome – possessivos, mais especificamente, a variação *teu/seu* de referência à segunda pessoa do singular, em cartas escritas no final do século XIX e início do XX, num período de 41 anos (1869 a 1910). Os autores são figuras de renome, considerados cultos, ainda que um deles não tenha chegado à Universidade, um, nascido no Rio de Janeiro e, o outro, em Minas Gerais. Nosso objetivo é mostrar que, após outras modificações no quadro pronominal – a inserção do *você* – o pronome possessivo *seu*, que formalmente se referia à terceira pessoa do singular e terceira do plural, passaria a ser utilizado também em contextos de segunda pessoa (doravante 2SG), ampliando seu domínio.

Para o processo de mudança alcançado pela forma *seu* que, atualmente, também está voltada à 2SG, assumimos o estudo de Oliveira e Silva (1982) que, ao analisar amostras dos séculos XV, XVI e XVII, conjectura que o *seu* tenha sido favorecido pelo possuidor [+humano] e que, a partir do século XVIII, esse possessivo tenha passado a se integrar a núcleos nominais [-humano]. A ideia é a de que o século XVIII tenha sido o momento (inicial) a partir do qual o *seu* teve o seu escopo semântico ampliado, uma vez que passou a fazer referência a núcleos nominais [-humano] na referência à 2SG, em alternância, atualmente, com o *teu*.

Após considerações prévias, este texto está organizado em quatro partes, a primeira, em que detalhamos nossa fundamentação teórico-metodológica, a segunda, em que apresentamos uma breve revisão do tema e os parâmetros de análise, a terceira, em que descrevemos as amostras históricas, seguida da quarta parte, os resultados da análise, à que se seguem as observações finais.

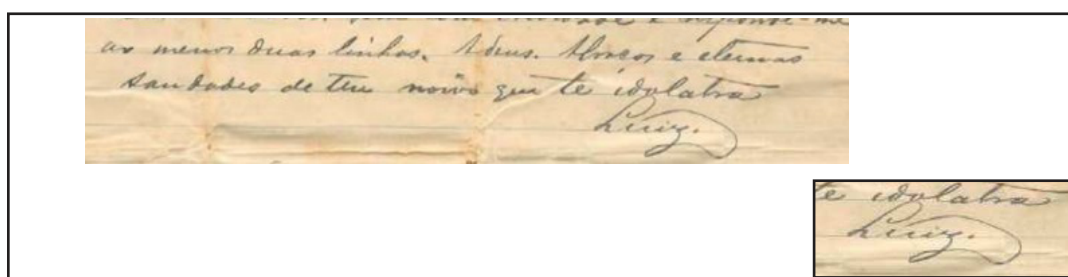
1. Pressupostos teórico-metodológicos: parâmetros da sociolinguística histórica.

As análises embasadas em *corpora* escritos de sincronias passadas estão apoiadas na organização de amostras fidedignas às realidades linguísticas pretéritas (Lima, Marcotulio e Rumeu, 2019). Ao prezarmos pelo conservadorismo das edições com as quais trabalhamos, conduzimo-nos por parâmetros tais como a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* das amostras utilizadas (Hernández-Campoy e Schilling, 2012).

A *autoria* dos textos que compõem as amostras históricas é imprescindível à coerência e à veracidade dos resultados dos estudos linguísticos. É necessário trazer à tona o fato de os textos se encontrarem nos acervos públicos e privados, podendo ser autógrafos

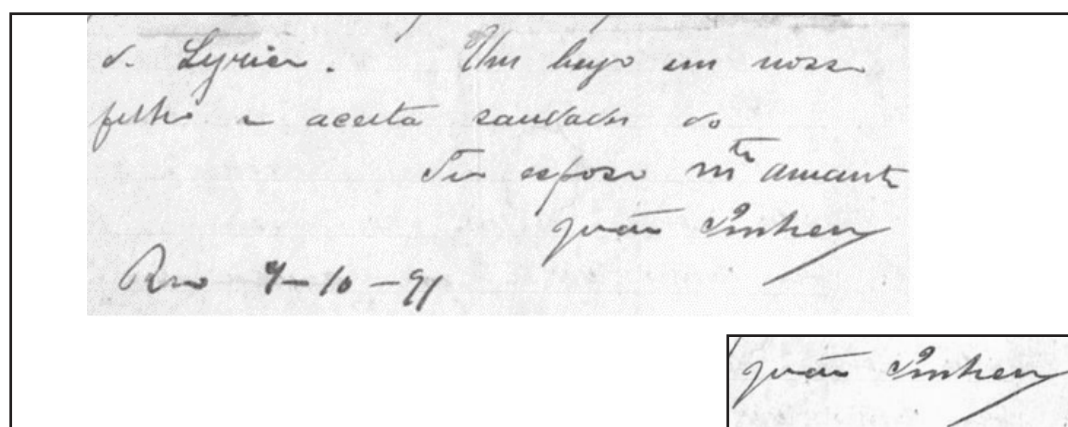
(o redator redige o texto e o assina), apógrafos (o redator redige o texto, mas outro punho o assina) ou ideógrafos (o redator redige o texto, mas há um outro autor (intelectual) que se responsabiliza pela semântica do texto em si. Correspondem a testemunhos históricos distintos, que podem ser viabilizados também através do gênero textual *carta*. A partir da análise do *ductus* em si, uma categoria de análise paleográfica relevante à análise da constituição da escrita, nos termos de Núñez Contreras (1994), a *autoria* dos textos históricos constitui um parâmetro da sociolinguística histórica que depende também da caracterização da materialidade das letras. Neste estudo, são utilizadas cartas pessoais (amor, familiar e amizade) comprovadamente autógrafas, editadas de forma conservadora, e redigidas por dois escreventes que figuram como representantes nascidos em espaços brasileiros de Minas Gerais (João Pinheiro) e do Rio de Janeiro (Gonzaga Duque), conforme ilustrado, através das imagens 2 e 3, a partir de excertos das cartas autógrafas, devidamente assinadas por seus redatores.

Imagem 2: GD. Botafogo, 10.11.1884



Fonte: Ferreira Filho (2023).

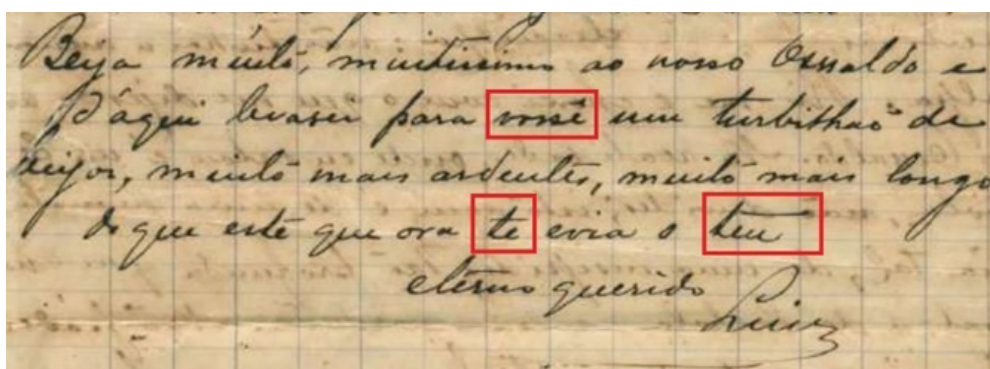
Imagem 3: JP. RJ, 7.10.1891



Fonte: Ferreira Filho (2023).

A *autenticidade* das amostras históricas é outro parâmetro igualmente relevante aos estudos linguísticos de sincronias passadas. Considerando o fato de as evidências linguísticas de sincronias poderem ser resgatadas tão somente a partir da sua expressão escrita – evidenciando a produção de punhos de escreventes escolarizados – é importante demarcar o que é expressão da força da norma-padrão, em relação às evidências de traços que refletem punhos habilidosos, dotados de um evidente domínio da escrita (o “filtro da escrita” (Romaine, 2010 [1982])). Acrescente-se ainda o fato de as fontes históricas nos permitirem passar por evidências de hipercorreção, mistura dialetal e “erros” (Labov, 1994, p. 11), o que pode ofuscar a expressão linguística do vernáculo de sincronias passadas, ainda que estejamos também cientes de haver em cena tão somente indícios positivos relativos aos textos históricos que sobreviveram à força do tempo, no interior dos arquivos. Nesse sentido, as cartas pessoais em análise nos permite mensurar, em certa medida, a expressão vernacular, através da produção escrita mais íntima de brasileiros cultos, entre fins do século XIX e o início do século XX. As imagens 4 e 5 ilustram algumas evidências da convivência de formas do paradigma de *tu* (*te, teu, tua, teus*) nas funções de complementação acusativa (“*te envia*”, “*te-ferir*”), genitiva (*teu, tua, teus*) com formas do paradigma de *você* (“*levarei para você*”), inclusive em estrutura do redobro de clítico de 2SG que é retomado na forma do sintagma preposicionado “*a você*” na construção “*havia [...] d te-ferir assim a você [...]*”.

Imagem 4: GD. Lisboa, 11.08.1889

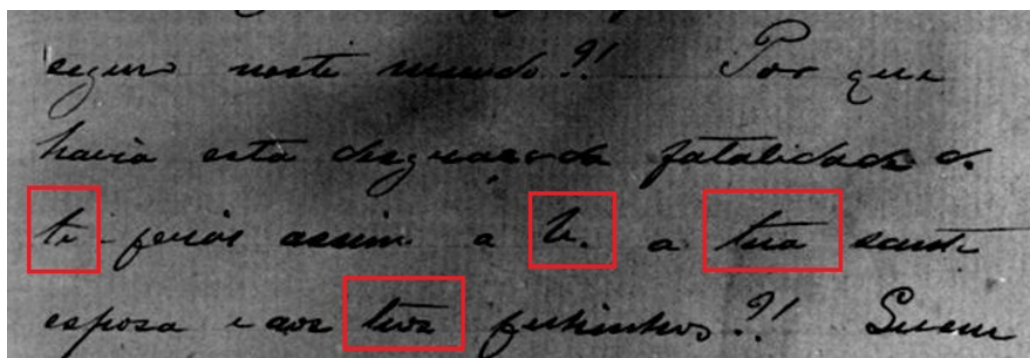


Fonte: Ferreira Filho (2023).

“[...] d’aqui levarei para *vossê* um turbilhão de beijos, muito mais ardentes, muito mais longo do que este que ora *te* envia o *teu* eterno querido Luiz. [...]”

(GD. Lisboa, 11.08.1889.)

Imagem 5: JP. Caeté, MG, 29.12.1896



Fonte: Luz (2015).

“[...] Por que havia esta desgraçada fatalidade d. te-ferir assim a Você a tua santa esposa e aos teos filhinhos?! [...]”

(JP. Caeté, MG, 29.12.1896.)

Nas imagens 4 e 5, é possível observar, através de formas dos paradigmas de *tu* (*te*, *teu*, *tua*, *teus*) e de *você* (*para você*), a expressão da norma de uso do PB, que segue, por sua vez, de encontro à norma-padrão, a partir da quebra do paralelismo formal (em termos tradicionais), embora tenhamos formas pronominais cuja referência semântica corresponde à 2SG. Apesar de haver em cena evidências da produção escrita de redatores familiarizados com as especificidades da norma-padrão e, portanto, habilidosos em sua manifestação escrita, lidamos com a expressão linguística dos redatores em cartas íntimas, o que tenderia normalmente a evidenciar um fluir da pena mais livre da rigidez da norma-padrão.

A *validade social e histórica* das fontes está consolidada na reconstrução da história de vida dos redatores, atendendo não só ao parâmetro da *autoria* (Hernández-Campoy e Schilling, 2012), mas também ao fato de poder ser difícil identificar a camada social a que pertence o redator e a estrutura social da comunidade idiomática² (Labov, 1994). Considerando o fato de termos em foco amostras de cartas pessoais, fidedignamente organizadas e editadas, no que se refere à *autoria* (cartas autógrafas) e à *autenticidade* (cartas pessoais) de missivas produzidas por redatores brasileiros, acreditamos estar diante de uma produção escrita legitimamente brasileira e, portanto, válidas (social e historicamente) para estudos linguísticos de sincronias passadas.

² “[...] we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community.” (Labov, 1994, p. 11)

Para conduzir este estudo, tomamos por base os princípios da mudança de base laboviana (Weinreich *et al.*, 1968; Labov, 1994), com a utilização do programa computacional Goldvarb X. Seguimos, de um modo geral, as hipóteses e resultados da análise de Lucena (2016), voltados a outras cartas pessoais cariocas oitocentistas e novecentistas.

2. As amostras históricas: cartas pessoais de João Pinheiro e de Gonzaga Duque.

Neste estudo, utilizamos trinta e duas (32) cartas pessoais de João Pinheiro (doravante JP) distribuídas entre amorosas (6/32), familiares (7/32) e de amizade (19/32). Trata-se de um redator que nasceu, em 1860, no Serro (MG), morou no Rio de Janeiro, até o ano de 1870 (momento do falecimento do seu pai), concluiu o curso de Direito (Faculdade de Direito de São Paulo), tendo exercido as funções de professor, advogado, político (Secretário de Estado de Minas Gerais, Ministro do Interior do Governo Provisório, Governador de Minas Gerais e Deputado) e empreendedor (dono da fábrica de louças Cerâmica de Caeté), segundo Luz (2005).

No que se refere à Gonzaga Duque (Estrada) – doravante GD –, há, no contexto de vinte e seis (26) cartas pessoais, dezesseis (16) cartas amorosas, seis (6) cartas familiares e duas (2) cartas de amizade. Na sua trajetória profissional, GD deixa vestígios das suas atividades como crítico de arte, jornalista e escritor (Espindola, 2009, p. 14). Nascido no Rio de Janeiro, na 2ª metade do século XIX (1863) e falecido, já no 1º quartel do século XX (1911), concluiu o ensino secundário, mas parece não ter avançado pelo Ensino Superior (Fonseca, 2015, p. 38). Mesmo assim, trata-se de um redator que se mostra engajado no *mundo da língua escrita*, tendo em vista não só a sua atuação na criação dos periódicos *O Guanabara*, em fins do século XIX (1880), *Rio-Revista* e *Galáxia*, também em fins da era novecentista, nos anos de 1895 e 1897, *Mercúrio* e *Fon-Fon*, no início do século XX, 1901 e 1907, respectivamente, mas também através das suas contribuições em variados periódicos brasileiros. Acresce ainda o fato de o redator em questão ser autor de livros (romance, ensaio, diário). Trata-se, pois, de uma figura que pode ser considerada um legítimo “homem de letras” (Fonseca, 2015, p. 42), o que permite entendê-lo como um informante bem treinado em relação aos modelos de língua escrita (Ferreira Filho, 2023).

Considerando o fato de que as línguas humanas estão orientadas pelos fluxos e contrafluxos da variação e da mudança, entendemos que as relações sociais estabelecidas entre os informantes podem nos evidenciar indícios da história social (movimentos externos) que se interceptam com a história linguística (processos internos). Nesse sentido, de acordo com Conde Silvestre (2007) e Bergs (2012), é possível interpretar as redes

sociais como (i) fixas, densas (*close – knit, multiplex nature*) ou (ii) flexíveis, difusas (*loose – knit, uniplex nature*). Em termos gerais, a ideia é a de que informantes envolvidos em redes sociais mais fixas (densas), redes sociais menos diversificadas em relação às possibilidades de contato linguístico, tendem a se mostrar resistentes aos processos de variação e mudança linguística, enquanto as redes sociais difusas (flexíveis), caracterizadas pelo movimento dos informantes em intensas dinâmicas interna e externa ao seu país de origem, anunciam o contato com um maior número de pessoas (Conde Silvestre, Hernández-Campoy, 2004, 2005), o que tenderia a impulsionar a velocidade da implementação de fenômenos linguísticos em processo de mudança linguística (Bergs, 2012, 2005; Conde Silvestre, 2007). A partir dessas premissas, estaríamos, no caso, diante de dois redatores (GD e JP) que, em viagens internas e externas ao Brasil, se enquadram em redes sociais difusas, diversificadas, portanto, em função de distintas interações linguísticas como evidência da ampliação dos contatos linguísticos. Ainda que as redes sociais dos autores das cartas possam ser consideradas difusas, em certa medida, o que tenderia a favorecer a dinâmica de processos linguísticos de mudança, não podemos esquecer que estamos diante de um fenômeno linguístico de variação linguística que teve início em sincronias passadas (Lucena, 2016; Barbosa, 2018; Silva, 2023), mas permanece até hoje (Rocha, 2009; Arduin, 2005; Soares, 1999; Menon, 1997; Neves, 1993; Perini, 1985).

A distribuição das cartas pessoais, produzidas por um redator nascido no Rio de Janeiro (GD), entre os anos de 1869 e 1908, e por um redator mineiro (JP), entre os anos de 1884 e 1909, para a análise da dinâmica *teu/seu*, está exposta a seguir (Quadro 1), em que se registram os subgêneros das cartas pessoais, período e origem dos autores, controlados na análise variacionista como variáveis extralinguísticas.

Quadro 1: As amostras históricas: cartas pessoais dos séculos XIX e XX

| Acervos | Redatores | Períodos | Subgênero da carta pessoal | | | |
|---------------------------|-----------------------|-------------|----------------------------|----------|---------|-------|
| | | | Amor | Familiar | Amizade | Total |
| APM ³ (MG) | João Pinheiro (JP) | 1869 - 1908 | 6 | 7 | 19 | 32 |
| FCRB ⁴ (RJ) | Gonzaga Duque (GD) | 1884 - 1909 | 16 | 8 | 2 | 26 |
| Total | 2 redatores | 1869 - 1909 | 22 | 15 | 21 | 58 |

³ Arquivo Público Mineiro (APM).

⁴ Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

3. A dinâmica *teu/seu* em cartas brasileiras oitocentistas e novecentistas: uma breve revisão do tema e os parâmetros da análise linguística.

Os trabalhos sobre a variação *teu/seu* embasados em dados linguísticos de sincronias passadas evidenciam o uso progressivo do *seu* na referência à 2SG, em distintos níveis de produtividade. Assim sendo, apresentamos uma breve descrição dos principais resultados de estudos embasados em cartas pessoais oitocentistas e novecentistas (cariocas, baianas e pernambucanas), conforme as discussões de Lucena (2016), Barbosa (2018) e Silva (2023).

A partir de trezentos e sessenta e três cartas confeccionadas por escreventes nascidos e/ou residentes no espaço do Rio de Janeiro, Lucena (2016) estudou a alternância *teu/seu* entre os anos de 1870 e 1970. A conjectura inicial é a de que a referência ao sujeito através das formas *tu* e *você* poderia conduzir ao uso dos possessivos *teu* e *seu*, respectivamente, impulsionando um contexto de harmonização morfossintática entre as formas pronominais nominativas e genitivas, respectivamente, em relação à 2SG. Em termos gerais, a autora constatou a preferência pelo *teu* (76%), tendo em vista o uso do *seu* (24%) em relação a um total de 1376 ocorrências de possessivos pronominais de 2SG nas cartas pessoais. Lucena (2016, p. 77) constata que o *seu* prevalece nas cartas de *você-sujeito* (70%), ainda que se tenha se apresentado com níveis baixos de produtividade nas cartas sem referência explícita (11%, 37/336), nas cartas de *tu-sujeito* (10%, 33/336), nas cartas mistas (9%, 31/336).

Na escrita dos sertanejos baianos, Barbosa (2018) também se voltou à alternância *teu/seu*. A partir da análise de noventa e uma (91) cartas pessoais redigidas entre os anos de 1996 e 2000 por redatores semialfabetizados das áreas rurais baianas dos municípios Riachão de Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, o autor identificou que o possessivo *seu* foi registrado, de um modo geral, em 91% dos dados (168/185), restando ao *teu* a sua produtividade, em tão somente 9% (17/185). A variação entre as formas *teu/seu* evidencia a preferência pelo *seu*, em 90% (161/178) dos dados das cartas sem referência pronominal explícita, o que parece ser um indício de um processo de estabilização do *seu* de 2SG na escrita dos sertanejos baianos.

Em cento e cinquenta e três (153) cartas amorosas pernambucanas, Silva (2023) se voltou para a dinâmica *teu/seu* na produção escrita de três casais da região do Sertão do Pajeú, entre as décadas de 50 e 90 do século XX. De um modo geral, o *seu* liderou em 65% dos dados (202/313) ao lado do *teu*, em 35% (111/313). Como expressão de um quadro simétrico observou o autor que o *teu* se deu preferencialmente, nas cartas de *tu-sujeito*

(75%, 70/93), enquanto o *seu* predominou nas cartas de *você-sujeito* (179/221). Apesar de o *seu* ter prevalecido nas cartas de *você-sujeito*, Barbosa confirmou a sua hipótese de que o *seu* também tenha se deixado evidenciar nas cartas de *tu-sujeito* (25%, 23/93) das cartas pernambucanas novecentistas (Souza, 2023, p. 15).

A variação entre os possessivos *teu* e *seu* é analisada a partir de parâmetros linguísticos⁵ tais como o pronome-sujeito; a animacidade do sintagma possessivo; o tipo de posse – alienável ou não, o tipo de posse inalienável (parentesco, partes do corpo, outros inalienáveis) e a presença ou ausência de artigo diante do possessivo, tema muito recorrente na literatura. Nesse caso, nossa hipótese era a de que o uso do artigo seria mais frequente diante de *seu*, com o objetivo de acrescentar o traço [+ definido] ao utilizá-lo de referência à segunda pessoa, hipótese referendada por Palladino Netto (2009) em sua tese de doutorado. Em relação aos extralinguísticos, controlamos o subgênero das cartas pessoais, a seção, o período e a origem dos autores das cartas.

Em relação ao subgênero da carta (*amorosa, familiar e de amizade*) e à seção da carta (*saudação inicial, núcleo, saudação final, post scriptum*), os objetivos seriam reconhecer se algum subgênero da carta pessoal e se alguma das suas seções teriam ou não fomentado a produtividade do *seu*. Controlamos, ainda no âmbito dos fatores também extralinguísticos, o período e a origem do redator da carta. Os períodos em que as cartas pessoais foram produzidas (entre os anos de 1869 e 1910) e a origem dos redatores (um redator carioca e um redator mineiro) também foram controlados, para que monitorássemos se o momento entre o fim da era oitocentista e o início dos novecentos no Brasil teriam ou não influenciado os redatores carioca e mineiro em relação ao uso do *seu* para a 2SG.

No que diz respeito ao pronome-sujeito de 2SG, partimos da hipótese de que o *tu-sujeito* tenderia a estimular o uso do *teu*, enquanto o *você-sujeito* tenderia a promover o *seu*, configurando um quadro sistemático e simétrico, em relação às formas dos paradigmas de *tu* e de *você*, respectivamente. Para averiguarmos a força do contexto de sujeito de 2SG (*tu* e *você*) a impulsionar ou não o uso dos possessivos *teu* e *seu*, correlacionamos os dados aos contextos de nominativo (*tu* e *você*) e de genitivo (*teu* e *seu*), aspecto já averiguado por Lucena (2016, p. 174), em relação às cartas do Rio de Janeiro.

(01) Dados de *teu* e *tua* de *tu-sujeito*:

- a. “Pimentel. É resposta da *tua* carta d. 5. Podias_{tu-suj} e devias_{tu-suj} contar commigo para o negocio [...]” (JPS. Caeté, 08.12.1899)
- b. “[...] O que é feito dessas alegres creaturas que o *teu* espirito aparvalhado arrancou do pé de nós que hatresmezes choramos sem descanso? E

⁵ Para o controle do contexto de pronome-sujeito de 2SG em correlação aos possessivos (*teu/seu*) voltamos às cartas de “tu” exclusivo, às cartas de “você” exclusivo, às cartas de *tu/você* (mistas) e às cartas com formas nominais de tratamento (“cara madrinha”).

o caramanchão como um inquisidor-mór me disse: Estou vingado, peralvilho, has^{tu-suj} de chorar como eu a ausencia destas duas creanças amorosas e puras eu vi crescer [...]" (GD. RJ, Botafogo, 08.11.1884. C2)

(02) Dado de *seu* em contexto de *você-sujeito*:

"[...] Accuso o recebimento sobre a vinda d. Doutor Gorceix e desejos d. visitar a minha fabrica e tambem ultimamente o *seu* livro sobre Minas. [...] Queira você^{você-suj} por mim transmittir ao Doutor Gorceix o meu desvanecimento pela sua visita á fabrica [...]" (JPS. Caeté, 30.12.1904)

(03) Dados de *tua* e *seu* em contexto de sujeito misto (*tu/você*):

a. "[...] Ainda outro dia em *tua* casa, ella tão feliz com seus filhinhos, juncto d. ti [...] Vai indo esta carta desconexa, mas vai sendo escripta com o coração. Precisas^{tu-suj} viver; acho conveniente que a Dona Nicota e o Neusinho venhão ficar uns tempos em *tua* casa cuidando dos meninos e que Você^{você-suj} venha passar uns tempos commigo [...]" (JPS. Caeté, 29.12.1896)

b. "[...] Senti, hoje, saudades de nossos filhinhos, creio, porém, que minhas nem vossê^{você-suj} nem eles sentirão. Vai com esta uma carta que ahi porás^{tu-suj} em enveloppes[...] Seria enorme favor que prestarias^{tu-suj} se arranjasse dinheiro com *tua* mãe para me comprar na rua do Theatro – Casa Cavallier [...]" (GD. Porto Grande, 08.01.1889)

No que diz respeito ao traço de animacidade do referente do sintagma possessivo, assumimos a proposta de Oliveira e Silva (1982) em relação às amostras do português quinhentista, seiscentista e setecentista. Nesses *corpora* históricos, a autora constata o fato de o *seu* de 3SG ter sido fomentado pelo possuidor [+animado], tendo passado, a partir do século XVIII, a ser estimulado pelo possuidor [- animado]. Constata, pois, a autora que o uso do *seu* em relação a um referente [- animado] parece se espraia, a partir da era setecentista do português (século XVIII). Nas cartas cariocas, Lucena (2016, p. 98) constatou "o crescimento gradual do pronome *seu* nas construções com traço [inanimado], ao passo que as construções [+ humano] com o pronome diminuem". Com base nos resultados de Lucena (2016), prevemos que o *seu* já se apresente, nas cartas em análise, como evidência da relação "possuidor-possuído", voltado aos referentes [- animado]. Os exemplos (04) e (05) ilustram casos de *teu* e *seu* com referentes [+ animado] e [- animado], respectivamente.

(04) Dados de *teu* e *seu* com referente [+ animado]:

a. "[...] Adeosmeo Edmundo, recebe o coração d. *teo* amigo [...]" (JPS. Caeté, 29.12.1896.)

b. "[...] Sou *Seo* Sobrinho que te ama de coração João Pinheiro [...]" (JPS. OP, 21.12.1869.)

(05) Dados de *teu*, *tua*, *seu* e *sua* com referente [- animado]:

a. "[...] Recebi o *teu* cartão d. parabens e o resultado da eleição no Piranga, muito obrigado por tudo. [...]" (JPS. Caeté, 25.02.1905.)

b. "[...] nem sei que relações você mantém com o mesmo: não descuides

- disto [...] Recebi *seo* telegramma pedindo papel [...] mas tendo recebido o *seo* telegramma dizendo que o Laemert vendia a 6:200, voltei ao homem que fez o fávör d. deixal-o por 7.000. [...]” (JPS. RJ, 25.10.1891)
- c. “Julinha, Recibi ha dias a *tua* cartinha, e, se me não engano, foi escritpta em resposta a que te enviei da Bahia. (GD. Lisboa, 26.07.1889)
- d. “Meu caro Compadre e Amigo Aqui tenho estado para me informar da *sua* saúde e isso por me não possível ir á sua casa [...]” (GD. 05.07.1907)

No que diz respeito à semântica da posse, assumimos à luz de Neves (2000, p. 476-477) a interpretação de que “o possessivo remete ao possuidor; o substantivo indica o possuído” (Neves, 2000, p. 476). A partir dessa noção de posse prototípica consideramos a ideia de que ao transferirmos o “algo possuído”, temos a posse alienável (transferível), ao passo que é possível evidenciarmos contextos em que o “algo possuído” é inseparável do possuidor (intransferível). Na análise de Lucena (2016), a proposta é a de ampliação da perspectiva de análise de Neves (2000), ao incluir entre os *alienáveis* e os *inalienáveis*, em extremos opostos, a *extensão de posse*. O conceito de *extensão de posse* abarca as evidências de *posse não-canônica*. No âmbito da *extensão de posse*, estão as evidências não só nos contextos dos substantivos deverbais, mas também nas relações interpessoais não-consanguíneas materializadas nas dinâmicas de interação entre o remetente e o destinatário. Os exemplos (06), (07) e (08) apresentam evidências da semântica da posse em relação aos traços de *alienabilidade* (“tua carta”, “sua carta”), de *extensão de posse* (“seu pedido”, “teu esposo”) e de *inalienabilidade* (“seo carinho”, “tua lembrança”, “tua imagem”, “sua saúde”), respectivamente.

(06) Dados de *tua* e *sua* em contexto de posse *alienável*:

- a. “[...] Feca [...] Sobre o assumpto da *tua* carta, me escreveo o Doutor Alvim, mas falando no estabelecimento do ensino technico d. agricultura em Juiz d. Fora [...]” (JPS. Caeté, 03.05.1903)
- b. “[...] Você em *sua* carta teve a habilidade d. bulir com todos os pontos fracos da minha industria. [...]” (JPS. Caeté, 28.01.1901)

(07) Dados de *teu* e *seu* em contexto de extensão de posse (substantivos deverbais e relações pessoais não-consanguíneas):

- a. “[...] Ao conceder-lhe a exoneração pedida, cumpre-me agradecer-lhe os inestimaveis serviços que acaba de prestar ao meu governo [...] Não annuiria ao *seu* pedido, si não tivesse certeza de que, na industria que tão competentemente vai dirigir, prestará ao Estado de Minas serviços tão relevantes [...]” (JPS. BH 08.06.1907)
- b. “[...] Podes despachar a bagagem para Ouro Preto [...] Um beijo em nosso filho e aceita saudades do *Teu* esposo muito amante João Pinheiro. [...]” (JPS. RJ, 09.10.1891)

(08) Dados de *tua* e *seu* em contexto de posse *inalienável*:

- a. “[...] Dirijuli amado tio minhas felicitações, como a pessoa, que tantas vezes me há manifestado *seo* carinho. Dezejo-lhe completa ventura [...]” (JPS. OP, 21.12.1869)
- b. “[...] mas só a *tua* lembrança minha Helena era capaz de consolar-me. [...]” (JPS. RJ, 14.02.1891)
- c. “[...] temo ser te infiel, e vivo com a *tua* imagem como os martyres viviam com a de Christo. Farás o mesmo? Aposto em como já me esqueceste. Fazes bem. [...]” (GD. Lisboa, 10.09.19.. C26)
- d. “Meu caro Compadre e Amigo Aqui tenho estado para me informar da *sua* saúde e isso por me não possível ir á sua casa. [...]” (GD. 05.03.1907. C24)

No que se refere à posse *inalienável*, identificamos, com base em Lucena (2016, p. 83), à luz de Neves (2000), a posse marcada pelos traços parentesco (“tua mamãe”, “sua filha”, “seo sobrinho”, “sua sobrinha”), de partes do corpo humano (“teu cérebro”, “teus lábios”) e *outros inalienáveis* como expressão, por exemplo, emoções (“tuas saudades”), traços idiossincráticos (“teu esforço”, “sua companhia”, “tua lembrança”, “sua opinião”), justamente por se mostrarem inseparáveis do seu possuidor, conforme ilustrado de (09) a (11), respectivamente.

(09) Dados de *tua*, *seu* e *sua* em contexto de posse *inalienável* (parentesco):

- a. “[...] Julinha vê se consegues de *tua* mamãe a volta breve para a côrte. [...]” (GD. 06.11.1884. C1)
- b. “[...] Agora o que eu peço a senhora [...] que traga Julia o mais breve possível. A senhora procedendo assim [...] entregará a *sua* filha á felicidade, será ainda mais boa do que é. [...]” (GD. 06.11.1884. C1)
- c. “[...] Sou *Seo* Sobrinho que te ama de coração João Pinheiro [...]” (JPS. OP, 21.12.1869)
- d. “[...] Helena de Barros é o nome da *sua* sobrinha [...]” (JPS. OP, 04.03.1890)

(10) Dados de *teu* em contexto de posse *inalienável* (partes do corpo):

- a. “[...] como esforçares te por impôrao *teu* cérebro o que elle tem preguiça de adquirir? [...]” (GD. RJ, 22.07.1906.C23)
- b. “[...] Mil beijos no meu Oswaldo 110 e um ardente beijo nos *teus* labios... (mentirosos?) que te envia entre saudades e amor o teu eterno amante. [...]” (GD. Lisboa, 10.09.19.. C26)

(11) Dados de *teu*, *tua* e *sua* em contexto de *outros inalienáveis*:

- a. “[...] Mas para Você, meo infeliz amigo, ella vive d. certo na tua lembrança, nas tuas *saudades* nos teos filhinhos, d.’ ond. ella está, ella te continúa amar [...]” (JPS. Caeté, 29.12.1896.
- b. “[...] Não percebes que do *teu* esforço, esforço de acordo com a tua idade, é que virá o bom resultado dessa conquista? Que aspiras tu? [...]” (GD. RJ, 22.07.1906)

- c. “[...] Aqui, nestas tiras, vão as imensas saudades que eu tenho sentido da *sua* companhia e meu abraço todo o agradecimento do seu velho amigo GD” (GD. 09.11.1909)
- d. “[...] mas só a *tua* lembrança minha Helena era capaz de consolar-me. (JPS. RJ, 14.02.1891)
- e. “Como verá pelos termos da carta ao Presidente do Espirito Santo, a missão tem um caracter inteiramente reservado [...] Em todo caso convem ler o memorial... e dar-me a *sua* opinião. [...]” (JPS. BH, 20.08.1907)

4. Análise dos resultados: a variação *teu/seu* de 2SG.

Com base nos resultados da análise, através dos programas computacionais, foi possível concluir que apenas dois dos grupos de fatores controlados se mostram relevantes para a implementação do possessivo *seu*: (i) pronome-sujeito de 2SG correlacionado ao possessivo “seu” (Tabela 1); e (ii) subgênero da carta pessoal (Tabela 2).

De um modo geral, há indicações de que o contexto em que o possessivo *seu* começa a ocupar o lugar de *teu* é aquele em que o sujeito corresponde a uma forma nominal de tratamento (*Dona Mariquinhas, Doutor Alvim...*) e, nas cartas amorosas, o uso de *teu* ainda é bloqueado. Embora só haja quatro ocorrências em que o sujeito é exclusivamente *você* (apenas quatro ocorrências nas cartas mineiras de JP), o uso do possessivo *seu* é categórico (100%).

Tabela 1: Distribuição dos dados de *seu* de 2SG em relação ao tratamento do interlocutor nas cartas cariocas e mineiras em análise

| Seu (possessivo de 2SG) | | | |
|--|-----------|-------|---------------------|
| Nível de seleção | | | |
| Pronome-sujeito de 2SG | Oco/total | % | P.R |
| Formas nominais de tratamento | 42/46 | 91.3% | 0.954 |
| Cartas de <i>tu</i> -sujeito exclusivo | 13/109 | 11.9% | 0.313 |
| Cartas mistas (<i>tu/você</i>) | 9/48 | 18.8% | 0.246 |
| Total | 64/203 | 31.5% | Input: 0.235 |

A correlação entre as funções de nominativo e de genitivo nas cartas brasileiras analisadas (cariocas e mineiras) evidencia que as formas nominais de tratamento tendem a impulsionar o possessivo *seu* de 2SG, contrariando a conjectura inicial de o uso do *você-sujeito* ser o deflagrador, ao menos nas cartas brasileiras em análise, do possessivo *seu*. Na verdade, com base nos pesos relativos de 0.954 e frequência de 91.3%, é possível verificar que é nas cartas com formas tratamentais que o uso do *seu* prevalece, pelo menos, nas

amostras de cartas brasileiras em análise. As formas tratamentais acionam a concordância com formas de 3ª pessoa, o que, em termos formais, parece se refletir sintomaticamente no uso do *seu*, cuja função etimológica nos remete à 3SG, ainda que a referência semântica passe a ser, no decorrer do tempo, a de 2SG. Os exemplos (12) e (13) evidenciam evidências do *seu* (*sua*) em cartas de formas nominais de tratamento exclusivo.

(12) “[...] *Dona Mariquinhas* [...] Conversando depois sobre a *sua* vinda estivemos de acordo que *a senhora* deveria voltar n’esse mez não só por causa dos *seus* negócios como também por causa do mez de Dezembro que se avesinha e que é de grandes febres ahi. [...]” (GD. 08.11.1884. C2)

(13) “*Doutor Alvim* [...] E como vai tudo correr com a *sua* responsabilidade o *Doutor* vera o que mais convem. [...]” (JPS. OP, 18.02.1892)

Tabela 2: Distribuição do possessivo *seu* de 2SG em relação aos subtipos de cartas pessoais cariocas e mineiras em análise

| Seu (possessivo de 2SG) | | | |
|----------------------------|---------------|-------|---------------------|
| Nível de seleção | | | |
| Subgênero da carta pessoal | Oco/total | % | P.R |
| Amizade | 34/71 | 47.9% | 0.799 |
| Familiar | 32/56 | 57.1% | 0.602 |
| Amorosa | 3/80 | 3.8% | 0.180 |
| Total | 69/139 | 31.5% | Input: 0.235 |

O subgênero da carta pessoal foi a 2ª variável selecionada como relevante e corresponde às cartas de amizade (0.799) e familiares (0.602) os contextos propulsores do inovador uso do possessivo *seu*, de referência à 2SG: inversamente, são, as cartas amorosas (0.180), que ainda mantêm o do possessivo *teu*, fato respaldado pelos pesos relativos ilustrados. Se, por um lado, o número de cartas analisadas aqui é baixo, por outro, não se pode esquecer que há evidências do possessivo *seu* de referência à 2SG em outras análises (Oliveira e Silva, 1982; Lucena, 2016).

Outro ponto importante é que a variação *teu/seu* é praticamente a mesma, no período de 41 anos, confirmando que mudanças morfossintáticas ocorrem lentamente. A variável “origem do autor da carta”, isoladamente, apresenta significância 0.000, opondo Rio de Janeiro a Minas Gerais (Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição do possessivo *seu* de 2SG em relação às cartas cariocas e mineiras

| Seu (possessivo de 2SG) | | | |
|-------------------------|---------------|--------------|---------------------|
| Nível 1 ⁶ | | | |
| Origem do autor | Oco/total | % | P.R |
| Rio de Janeiro | 26/121 | 21.5% | 0.369 |
| Minas Gerais | 43/86 | 50.0% | 0.681 |
| Total | 69/139 | 33.2% | Input: 0.319 |

À medida que essa variável interage com outras variáveis, tais como os tipos de sujeito e de carta pessoal, a relevância diminui, mas é digno de nota o fato de, (i) em Minas Gerais, o possessivo *seu*, das últimas décadas do século XIX até, pelo menos, a 1ª década do século XX, passar a concorrer, percentualmente, em igualdade de condições, com o possessivo *teu* (50% *versus* 50%); enquanto, (ii) no Rio de Janeiro, esse espriamento parece ser ainda bloqueado, no início do século XX (21.5% *versus* 78.5%). Resta confirmar, com a ampliação da amostra, se há uma diferenciação de uso nesses dois espaços da região sudeste brasileira.

Considerações finais

É importante termos em mente que este estudo (i) se atém à produção escrita de apenas dois informantes brasileiros (nascidos e/ou residentes no Rio de Janeiro e em Minas Gerais), que produziram suas cartas pessoais entre fins do século XIX e o início do século XX e (ii) a quantidade de cartas pessoais não está equanimemente distribuída por seus subtipos (amor, amizade e familiar). Esse aspecto representa uma contingência peculiar aos trabalhos no âmbito da sociolinguística histórica, conduzidos por pesquisadores que levantam, editam e analisam amostras a que tiveram acesso, representativas de realidades linguísticas pretéritas. Feitos esses esclarecimentos iniciais, passemos à sistematização das principais generalizações acerca da dinâmica *teu/seu* na amostra em foco.

O possessivo *teu* apresenta maior frequência que a variante *seu*, ainda que este último já ocorra em certos contextos, de preferência, naqueles em que o sujeito corresponde a formas nominais de tratamento. De todo modo, nesta amostra, há um equilíbrio entre as duas formas – *teu/seu* – na amostra de cartas mineiras (Tabela 3).

Essa variação de uso dos possessivos *teu/seu* parece estar formalmente alinhada à ativação da concordância com estratégias (verbais e pronominais) de 3ª pessoa do sin-

⁶ No nível 1 de análise, ainda não é levada em conta a interação com outros grupos de fatores. Esta variável que, no primeiro momento, parece ser relevante, não é depois selecionada, talvez pela distribuição irregular por tipo de carta.

gular, ainda que, semanticamente, de referência à 2SG. Em síntese, seria possível supor que a perda gradual da distinção entre possessivos de segunda e terceira pessoas não seja isolada, mas esteja encaixada, representando uma das repercussões gramaticais da reorganização do sistema pronominal do PB, em virtude da inserção do *você* no quadro de pronomes (Lopes 2007; Lopes e Cavalcante, 2012).

Este estudo constituiria, assim, mais uma comprovação no sentido de que é necessário analisar outras amostras, levar em conta outros tipos de textos e considerar uma gama de fatores históricos, linguísticos, extralinguísticos e discursivos, na busca de explicações para a variação e mudança de fenômenos morfossintáticos, em sincronias passadas e recentes. Como afirmam Weinreich *et al.* (1968, p.188), ao final de seu texto, ao tratar dos princípios gerais e da natureza da mudança linguística,

A generalização da mudança por toda a estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; envolve a covariação de mudanças associadas por períodos substanciais de tempo, e se reflete na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.⁷

Referências

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ARGOTE, J. C. *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina*. Lisboa: Officina da Musica, 1725.

BARBOSA, G. M. O. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. 2018. 242 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

BARROS, J. *Grammatices rudimenta*. 32 f., enc. : perg., il. color. 1538.

BARROS, J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum, - 60 f. 1540.

BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE SILVESTRE, J. C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98.

⁷ “4. The generalization of linguistic change throughout linguistic structure is neither uniform nor instantaneous; it involves the covariation of associated changes over substantial periods of time, and is reflected in the diffusion of isoglosses over areas of geographical space”.

BERGS, A. *Social Network Analysis and Historical Sociolinguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

CONDE SILVESTRE, J. C.; HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. A sociolinguistic approach to the diffusion of Chancery written practices in late fifteenth century private correspondence. *Neuphilologische Mitteilungen*, n. 105, v. 2, p. 135-52, 2004.

CONDE SILVESTRE, J. C.; HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M. Sociolinguistic and diachronic approaches to the historical diffusion of linguistic innovations: incipient standardization. *International Journal of English Studies*, Murcia, v. 5, n. 1, p. 101-34, 2005.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos. 2007.

ESPINDOLA, A. F. *Gonzaga Duque – Vida na Arte: uma concepção artístico-filosófica*. 2009. 242 f. (Dissertação) Mestrado - Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009.

FONSECA, B. O. *Gonzaga Duque e Revoluções Brasileiras: um olhar para a História do Brasil*. 2015. 160 f. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA FILHO, J. *Redescobrimos 'Gonzaga Duque' por meio de sua produção escrita: edição de cartas pessoais e descrição de traços paleográficos*. 2023. 204 f. (Dissertação) Mestrado em Estudos Linguísticos - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Blackwell Publishing Ltd. 2012, p. 63-79.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LIMA, A.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de corpora: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. T. *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.

LOBATO, A. J. R. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, - XLVIII, 253 p. 1770.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo; Contexto, 2007, p. 103-114.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística* (Madrid), v. 25, p. 30-65, 2012.

LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. 2016. 203 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LUZ, R. D. *O Tratamento na Produção Epistolar de João Pinheiro da Silva: análise sociopragmática de TU x VOCÊ e respectivas formas gramaticais*. 2015. Vol. I. 88 f. Vol. II. 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

MENON, O. P. S. *Seu/de você: variação e mudança no sistema dos possessivos*. In: HORA, D. *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa, 1997, Ideia, p. 79-92.

NEVES, M. H. M. Possessivos. In: CASTILHO, A. T. *Gramática do Português falado. Volume III: As abordagens*. Campinas, 1993, v. 3.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NÚÑEZ CONTRERAS, L. *Manual de paleografia: fundamentos e história de la escritura latina hasta el siglo VIII*. Madrid: Cátedra; 1994.

OLIVEIRA, F. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lixboa: Casa d' Germão Galharde, 27 Ianeyro, 38 f. 1536.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro*. 1982. 458 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

PALLADINO NETTO, L. *Uma edição de cartas de mercadores portugueses do século XVIII e o uso variável do artigo diante do possessivo*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PERINI, M. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 1, n^{os} 1 e 2, p. 1-16, 1985.

ROCHA, F. C. F. *A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte*. 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROMAINE, S. *Socio-Historical Linguistics: It's Status and Methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010 [1982].

SILVA, R. S. "*Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto*": a variação teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do século XX. 2023. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

SOARES, A. S. F. *Segunda e Terceira pessoa – O pronome possessivo em questão: Uma análise variacionista*. 1999. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

